

TRILHEIROS QUE BUSCAM ENSINAGEM NA MODA

Rogério Justino FLORI

fotoflori@gmail.com

Faculdade de Artes Visuais - Universidade Federal de Goiás

Irene TOURINHO

irenetourinho@yahoo.es

Faculdade de Artes Visuais - Universidade Federal de Goiás

Palavras chave: Estágio, moda, pesquisa qualitativa.

Introdução

O começo de um mestrado é sempre turbulento. Chegamos com mil idéias na cabeça, cheios de desejos de abrir possibilidades de ver o mundo e de pensar a pesquisa. Meu interesse se concentrou na formação profissional do designer, naquela formação que acontece durante a trajetória acadêmica, especificamente nos períodos de estágio. Antes de abordar alguns aspectos desta pesquisa, caminho pelas vias que me construíram como pessoa e profissional, na tentativa de ir marcando posições e acercando o tema que decidi investigar.

Minhas primeiras experiências como docente aconteceram informalmente com aulas de fotografia para pequenos grupos no interior do estado de Goiás. Durante as férias, montava as aulas e experimentava a docência. Era um curso informal e as avaliações não tinham aquela burocracia que normalmente as instituições impõem. Fazia um planejamento e o alterava conforme as circunstâncias exigiam.

Sem conhecer Freire (2006) fazia minhas "pedagogias da autonomia". As aulas, ou melhor, as atividades, eram reflexivas sem nunca ter ouvido falar sobre isso. Me sentia confortável com as experiências do grupo. Juntava grupos de adolescentes, senhoras, meninos e meninas com o propósito e o interesse de aprender formas de ver fotografia. Nosso diálogo era livre das regulações e das questões de poder que rotineiramente fazem parte das exigências das instituições de ensino.

Esta ideia de liberdade desmoronou com o início do meu curso de pós-graduação em cinema. Naquela situação, tive a impressão que ensinar a dar aulas era aprender a ter poder, a reprimir e a excluir alunos com raciocínios que estivessem na periferia do pensamento acadêmico; que o importante eram os métodos de avaliação, as ementas, os objetivos gerais e específicos exigidos pelas instituições.

Docência e Pesquisa

Docência e fotografia começaram a cruzar meu percurso de vida há seis anos, com experiências geradas no trânsito entre a Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Faculdade Cambury, Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás e Universidade Salgado de Oliveira, onde atualmente sou professor de duas disciplinas no curso de Design de Moda: fotografia e vídeo.

Hoje compreendo que a docência necessita ser renovada constantemente e, a moda, como campo transdisciplinar, instiga e desafia a busca por outras maneiras de pensar e interpretar as formas como ensinamos/aprendemos e como desejamos que outros aprendam/ensinem.

Moda, docência e profissionalização reuniram, a partir de então, as questões que me inquietam: Como se dá, na formação do designer de moda, o processo de profissionalização? Como os alunos se inserem e negociam sua entrada no campo de trabalho? Como vêm o estágio? Que experiências marcam seus percursos durante o estágio? Que tipos de profissionais sonham ser? Como o estágio contribui para suas buscas?

A partir dessas inquietações meu interesse se concentrou na formação profissional do designer, naquelas experiências que acontecem durante a trajetória acadêmica, nos trânsitos entre sala de aula, estágio e situações cotidianas.

Estas questões perpassam os caminhos que escolhi para pesquisar um tema que acalento há alguns anos. Trabalhando com um grupo de alunos de Design de Moda em busca de formas de compreender e, se possível, de renovar estas perguntas, tenho me pautado pelos princípios da pesquisa qualitativa que, além de estimular a bricolagem de perspectivas metodológicas e procedimentos de coleta de dados, me oferece sustentação para pisar nesse terreno escorregadio e imprevisível onde se movem sujeitos e suas subjetividades.

Como pesquisador da área de moda, até recentemente, minhas experimentações investigativas – para nomear algo que não sei como chamar – concentraram-se em objetos – roupas, acessórios, etc., e não em sujeitos. Aos poucos, como mestrando, fui direcionando meus interesses para os sujeitos, compreendendo, com Freire (2006), que o objetivo da pesquisa “não é coisificar-se, mas humanizar-se”. (p. 72) Este direcionamento no foco de pesquisa acontece paralelamente ao reconhecimento de exigências que recaem sobre o pesquisador qualitativo.

Antes de ingressar neste programa de pós-graduação entendia pesquisa como uma receita, que, aliando competência, bom tema e a metodologia ‘correta’, parecia ser o caminho ideal e seguro para desenvolver pesquisa. Tal idéia pressupunha uma abordagem metodológica pronta para ser aplicada a um tema, sem que houvesse interrelação entre tema e metodologia e, menos ainda, entre essas esferas e os pontos de vista, expectativas e perspectivas do pesquisador e colaboradores.

Pesquisa qualitativa no quintal

Contrariando uma orientação linear de construção de pesquisa, neste trabalho, elaborado a partir de concepções da cultura visual como campo transdisciplinar (MARTINS, 2010; DIAS, 2010) utilizo a bricolagem de procedimentos metodológicos para propor formas de compreender e reescrever, através dos colaboradores da pesquisa, as questões propostas. Segundo Creswell (2007), tal perspectiva metodológica “permite ao pesquisador desenvolver um nível de detalhe sobre a pessoa ou sobre o local e estar altamente envolvido nas experiências reais dos participantes”. (p. 186)

A abordagem qualitativa não visa a mensuração de opiniões, idéias e subjetividades, mas, a descrição, análise e reflexão sobre posicionamentos dos sujeitos, com o intuito de interpretar e compreender suas perspectivas e experiências. Assim, a pesquisa qualitativa “é feita em cenários naturais, onde ocorrem o comportamento humano e os fatos”. (CRESWELL, 2007, p. 202)

Como meu interesse de pesquisa está nos modos de ver a moda que futuros designers constroem nos seus distintos espaços de aprendizagem, as formas através das quais nós imaginamos ser vistos pelos outros são importantes para minhas reflexões. São importantes porque, para designers de moda, posso imaginar

que esta questão tenha duplo impacto, pois suas criações serão vistas por outros e em outros. Nesse sentido, a identidade profissional do designer veste outras identidades e, nesse processo, agrega outras qualidades à discussão sobre a formação do designer.

Para desenvolver esta pesquisa, convidei alunos de duas Universidades, uma pública e uma privada, para participar do processo. No primeiro semestre de 2010 e 2011, fiz convites aos alunos da Universidade Salgado de Oliveira - Universo, em sala de aula, nas turmas do 3º, 4º e 5º períodos de Design de Moda.

Na Faculdade de Artes Visuais - FAV/UFG, o primeiro convite aconteceu através da mediação de uma professora do Curso de Design de Moda, feito a alunos do 6º período. O segundo convite foi feito diretamente a três alunas da FAV, do 3º período, que trabalham como estagiárias em uma empresa de lavanderia industrial de jeans. Seis alunos da Universo e quatro da FAV-UFG se comprometeram a colaborar. Todos os colaboradores são mulheres. Um único homem que se interessou em participar não compareceu às rodas de conversa e, portanto, não tenho vozes masculinas nesta pesquisa.

Para realizar a coleta de dados utilizei vários procedimentos, tais como rodas de conversa, entrevistas, observação participante e registro fotográfico. Rodas de conversa são encontros pré-agendados com grupos de alunos convidados para debater e discutir temas referentes às suas expectativas e experiências durante a formação e, neste caso, questões referentes ao estágio. Esta estratégia distingue-se do grupo focal porque, além de acolher participantes diversos a cada encontro, não persegue apenas a exploração de tópicos problemáticos levantados pelos colaboradores.

As rodas de conversa tem, como o nome indica, um caráter dinâmico e fluído que recepciona questões de interesse da pesquisa e investiga opiniões de alunos sobre tópicos que se apresentam como significativos e instigantes. A partir dos diferentes contatos que mantenho com os alunos em sala de aula ou nos locais de estágio e, com outros profissionais da área, trago para as rodas de conversa, temáticas que podem, ou não, reverberar e ter continuidade.

As entrevistas objetivam reunir uma visão 'do outro lado', ou seja, do lado daqueles que organizam, coordenam e programam ações de estágio de moda. Entrevistar professores responsáveis pelo estágio significa compreender que eles são, não a única, mas uma parte importante nesse processo. Assim, parto da

perspectiva de que o estágio é uma via de pelo menos "três" mãos, na qual aluno, professor e empresa/local de estágio devem se articular.

A observação participante foi outro procedimento metodológico que adotei para me aproximar das colaboradoras e das questões do cotidiano nas empresas. Cumpri um protocolo de observação em que fotos e anotações foram registradas a cada dez minutos relatando o que?, como?, onde?, e com quem? estas atividades estavam sendo feitas, na tentativa de mapear espaços para futuros diálogos sobre trânsitos entre sala de aula, estágio e processo de profissionalização.

Ainda pensado em estágio

Tive a sensação de ser inútil acompanhar as colaboradoras durante três horas de trabalho, minha sensação era a de que naquele breve espaço de tempo não conseguiria reunir impressões ou reflexões sobre o processo de aprendizagem. Fiquei atônito com a quantidade e diversidade de informações, com as relações que fui construindo, com as emoções e frustrações que percebi nas falas das colaboradoras, com a variedade de ações e as dinâmicas de cada lugar.

Ficou-me a forte impressão de que as estagiárias estão tornando mais especializado um trabalho que os próprios microempresários desempenhavam de forma improvisada.

Acredito que o estágio pode funcionar como um par de óculos, aumentando a capacidade de enxergar o mundo no qual os alunos estão entrando. Pode funcionar, também, como ponte que interliga teorias e práticas, aproximando desejos de fazer e de ser do futuro designer de moda.

REFERÊNCIAS

CRESWELL, J. **Procedimentos qualitativos**: projeto de pesquisa método qualitativo, quantitativo e misto. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro, Paz e Terra. 29ª edição. 2006.

_____. **Pedagogia da Autonomia**. Rio e Janeiro: Paz e Terra, 2008.

MARTINS, Raimundo. Arte e Cultura Visual. In: **Trama 3**. Lêda Guimarães (Org.). Faculdade de Artes Visuais - Goiânia: FUNAPE 2010